

## AS FEIRAS NORDESTINAS NA CONTEMPORANEIDADE COMO FENÔMENO DE RESISTÊNCIA FRENTE AO GLOBAL

**Dranda. Giovanna de Aquino Fonseca Araújo**

(UFBA e UMINHO)

giovannaquino@ig.com.br

Este texto faz parte de um estudo<sup>1</sup> que versa sobre a identificação dos impactos trazidos pelo fenômeno global atual nas feiras contemporâneas e as estratégias de continuidade para que as mesmas se mantenham como lugar de consumo, em decorrência da concorrência empreendida nas cidades, dos novos equipamentos comerciais — supermercados, hipermercados, *shopping Centers*, *outlets* e portais de consumo — e suas novas formas de negócios.

Para responder às indagações de nossa pesquisa delimitamos o tempo histórico entre os anos de 1986 e 2007, por entendermos ser este o período em que ocorreu a propagação e consolidação do ideário e práticas da globalização contemporânea. A partir de 1970, um novo processo de reorganização das forças produtivas econômicas em dimensão internacional ganhou intensidade. Este processo, ainda em curso, tem provocado grandes contrastes, marcados pela inclusão e exclusão. De um lado temos a realidade dos consumidores que freqüentam *shopping centers* comem em restaurantes, usam grifes, têm computadores. De outro lado, milhões de pessoas sofrem com a miséria e inúmeros problemas.

Na década de 1980, na América Latina, o Brasil sofria diretamente a influência neoliberal e o processo de redemocratização. Estes dois processos contribuíram para a abertura econômica de mercado, a liberalização do comércio e a implantação da política neoliberal influenciada pela ideologia globalizadora capitalista de mercados, diante da crise dos Estados, cujas funções estavam em processo de redefinição.

Neste contexto histórico emerge nossa pesquisa para buscar perceber como as feiras continuam a existir mesmo diante desta ambiência e todos os impactos decorrentes da aldeia global. Para tanto, elegemos as feiras nordestinas brasileiras mais significativas no tocante aos valores históricos, sociais, culturais e econômicos: as feiras livres de Campina Grande-PB, de Caruaru-PE e a feira de São Joaquim, localizada na primeira capital brasileira, Salvador-BA.

Sabemos que as feiras nordestinas brasileiras foram introduzidas pelo colonizador português, uma vez que os indígenas brasileiros não produziam excedentes que justificassem transações comerciais, tendo sido documentada apenas a “troca silenciosa” entre grupos de Tupinambás e Tupiniquins. Desta forma, no Brasil, as feiras e mercados seguiram em parte o modelo lusitano, funcionando a partir dos povoados, posteriormente vilas, e nos centros das cidades, geralmente em torno de uma edificação de mercado.

Na sua origem, grande parte das feiras livres existentes no Nordeste brasileiro deveu-se ao intenso comércio de gado durante os séculos XVIII e XIX. Inúmeras atividades contribuíram para a formação da economia nordestina.

Em um cenário inicialmente agrário, com um fluxo gerado pelas tropas de gado no interior nordestino, que dará origem à formação de pequenos aglomerados populacionais para onde convergiam os pequenos agricultores com suas produções, a fim de as trocarem por outros produtos. Além dos produtos de origem agrícola, os agricultores também eram prestadores de serviços, o que terminou por estabelecer, em cada um desses locais, uma praça de mercado. É das praças comerciais formadas a partir do comércio do gado que surgem as feiras livres, as quais foram um importante elemento para o desenvolvimento das cidades. Duas entre as cidades brasileiras escolhidas para serem investigadas aqui — Campina Grande e Caruaru — surgiram a partir desse processo, favorecido por sua localização geográfica e sua importância mercantil como feiras de gado e de farinha. Salvador se caracteriza por uma formação diferenciada, dada a sua importância enquanto sede do governo português.

Contudo as feiras nestas cidades nordestinas foram atividades de elevada importância para o desenvolvimento destas. Entretanto, esta importância deveu-se ao fato das atividades desenvolvidas nas feiras serem moldadas em função de uma adequação estabelecida pela dinâmica dos mercados. E é sobre estas ressignificações e adequações que nos propomos a de maneira breve discutir no presente texto.

Desde já é importante que se diga que apesar de todas as transformações, percebemos que a feira ainda se constitui como um depositário de valores, expressões, tradições, transformações, que ressignificam a todo instante as visões e a memória dos que a freqüentam como lugar de compra e de venda de mercadorias.

Especificamente em relação às estratégias de continuidade, e, portanto de resistência para que as feiras continuem a existir verificamos as iniciativas individuais e coletivas adotadas pelos seus principais representantes, os feirantes além das atitudes empreendidas pelo poder público.

No primeiro plano constatamos duas ações que os feirantes vêm adotando em consonância com abertura de mercado estabelecida pela globalização: a primeira delas refere-se à diversidade de mercadorias, diante da substituição de artigos outrora comercializados, que tem sido aos poucos substituída por outros, é o caso, por exemplo, dos gêneros alimentícios (legumes, cereais e hortaliças) que vem sendo trocado por roupas e artigos importados. Já a segunda ação diz respeito à adequação a nova dinâmica do mercado frente à forma de pagamento, uma vez que os outros lugares de consumo que concorrem com as feiras alteraram suas formas de pagamento, ao inserirem como opção de quitação, para além do numerário e dos cheques convencionais, também os cartões de crédito, além de manterem em alguns casos o sistema pós-pago do fiado e adotarem a barganha nos valores nos produtos.

Em relação às iniciativas do governo<sup>ii</sup> que também consideramos como resistências em relação à permanência das feiras notaram a busca pelo reconhecimento do registro de patrimônio imaterial do Brasil e as reformas urbanísticas nos espaços do comércio tradicional.

### **Iniciativas de continuidade e resistência empreendida pelos feirantes**

Começamos por desconstruir estereótipos em torno da afirmação errônea de que todos os clientes que recorrem às feiras são oriundos de classes menos favorecidas. Constantemente ouvimos: “feira, lugar de pobres” ou “ambiente do povão”. No final da década de 1960, por exemplo, leu-se a reportagem do jornal baiano *A Tarde* com a seguinte manchete: “São Joaquim é o mercado do pobre”<sup>iii</sup>. Para desconstruir tal estereótipo basta que reflitamos acerca da importância que as feiras tiveram no passado. Elas eram, praticamente, o único local de abastecimento que “servia a todo mundo”<sup>iv</sup> indistintamente. A grande diferença dizia respeito ao horário utilizado pelos consumidores que freqüentavam a feira e aos produtos que consumiam. Sobre o primeiro aspecto, os horários sabem que as feiras eram visitadas pelos fregueses, na

década de 1960<sup>v</sup>, em três momentos: pela manhã, antes do almoço e no início da tarde pelas famílias abastadas - era horário reservado para a classe média - e os pobres freqüentavam o horário da “tardinha” ou final da feira. Os preços também obedeciam a esta hierarquia de horários: pela manhã os artigos eram mais caros, uma vez que os produtos eram mais frescos e, após este horário, ia-se declinando o preço da mercadoria acompanhada pela sua qualidade<sup>vi</sup>.

Em relação ao segundo aspecto, as mercadorias sabem que as feiras foram, sobretudo até a década de 1960, quando não existiam ainda os supermercados e só havia comércios de bairros como quitandas e mercearias, os principais lugares de abastecimento, principalmente para os produtos alimentícios. Atendendo, portanto, os fregueses provenientes não só das cidades onde se localizam as feiras, mas também da zona rural e das cidades circunvizinhas.

Com a chegada destes novos lugares de consumo (os supermercados), as feiras perderam muitos de seus fregueses economicamente melhor favorecidos para esses novos lugares<sup>vii</sup>.

Entretanto, os menos favorecidos continuaram tendo a feira como “única” opção em função dos preços dos produtos e da impossibilidade financeira de frequentarem os supermercados. Todavia, nas feiras - além de adquirirem os produtos na quantidade que necessitam, sem excessos -, ainda encontram outro atractivo: mesmo com os preços mais baixos, conseguem barganhar, pechinchar ou marralhar as mercadorias. Esta estratégia de aquisição de produtos não alcança sucesso nos equipamentos comerciais. Nestes locais, os preços são fixos e muitas vezes tabelados. Talvez, por essa razão, foi construído este estereótipo de que a feira é lugar de pobres

Contudo, percebemos que, apesar dos fregueses melhor favorecidos economicamente terem as feiras como segunda opção de lugar de aquisição de mercadorias, isso tem mudado em relação aos artigos que procuram nas feiras, sobretudo não alimentares. Tal mudança de comportamento na atualidade deve-se a uma nova política de homogeneidade global em torno do mercado consumidor. Os fregueses buscam as feiras, na atualidade, para adquirirem mercadorias não só mais baratas, mas, também, para estarem de acordo com o que a moda “exige”, ou com o mercado consumidor. Este comportamento encontra-se, sobretudo na classe média, que transitou de um circuito inferior e articulando-se em torno do que o circuito superior consome<sup>viii</sup>.

Mesmo que, para imitar os padrões de consumo deste último, adquiram cópias dos produtos de luxo, dos artigos importados ou de contrafação. Neste sentido, e vislumbrando este mercado, os feirantes acabaram por se adequar à dinâmica global, adotando estratégias para que as feiras continuem existindo, promovendo as resiliências<sup>ix</sup>, ressignificando os lugares e implementando em seu dia-a-dia a “troca” de mercadorias.

Diante do exposto - a respeito da desconstrução do estereótipo de que a feira é lugar somente de pobres e da afirmação, de que as feiras na atualidade estão sendo mais procuradas por pessoas de classe média (reflexo da ideologia de homogeneidade do consumo).

Assim sendo, as características que se mantêm nas feiras, os elementos de continuidade em relação às mercadorias são, principalmente, três: a diversidade dos produtos, o preço mais acessível no mercado e a qualidade de alguns dos produtos. Já em relação aos personagens, a continuidade verifica-se na arte de saber fazer dos feirantes e fregueses em busca dos seus objetivos, conforme mencionado anteriormente, e “as práticas costumeiras de iniciação às artes de ofício”<sup>x</sup>, onde muitos feirantes acabam por ensinar, sobretudo aos seus sucessores (filhos, netos, esposas), os seus respectivos ofícios.

Em relação a diversidade e origem das mercadorias comercializadas no Brasil, sabemos que muitas são resultantes da política de valorização empreendida ao Mercosul, já que precisamente após abertura política se concretizou efetivamente os direcionamentos a cerca da formação deste bloco, conhecido também como Cone Sul latinam americano, aliada à política neoliberal e à Globalização multidimensional vigente. Entretanto, no que se refere ao mercado internacional, vimos que nas últimas a relação comercial estabelecida pelo Brasil não foi somente com os países Mercosul, o norte-americano e europeus, mas também com os países asiáticos, a exemplo de Japão, China e recentemente a Rússia.

No âmbito internacional, portanto, as importações brasileiras consistiram, e ainda consistem, basicamente nas mercadorias que tem relação direta com aquilo que era antes comercializado em demasia nas feiras. Referimo-nos aos cereais como grãos de soja, arroz, trigo, milho em grão, farinha, leite em pó; além de carne bovina desossada e couros. As importações comercializadas nas grandes superfícies acabaram

por favorecer para a escassez destes artigos nas feiras. Restando para estas últimas os artigos eletrônicos importados, que também são comercializados nos outros lugares de consumo. Os artigos não só originais, mas também os pirateados passaram a ser a opção do no mercado e inclusivamente nas feiras. Produtos de contrabandos, oriundos da China e dos países do Mercosul, sobretudo, o Paraguai, são os mais frequentes nos comércios tradicionais.

Faz-se perceber que as origens das mercadorias comercializadas não são apenas oriundas do mercado externo, mas também com as produções nacionais dos lugares mais longínquos também são encontradas nas feiras. Estas mercadorias, estando na era da comunicação, atravessam os estados de toda a federação brasileira, seja via internet, telefone ou mesmo pelas rodovias.

Embora tanto a feira soteropolitana como a feira campinense contemple mercadorias de origem variada, e a troca destas no decorrer do período em estudo. Tomemos como exemplo a feira de Caruaru, nesta encontramos a substituição das mercadorias de maneira mais contundente. Atendendo a adequação das dinâmicas do mercado a feira pernambucana que teve sua origem na comercialização do gado bovino, cereais e couro, passou na década de 1980 em diante a atuar no comércio de artigos não alimentares como as vestimentas e os importados, conhecido como feira da sulanca, calçado e dos importados, distribuindo suas mercadorias não só a varejo, mas também a atacado<sup>xi</sup>.

Na Feira Livre encontram-se as tradicionais áreas de venda de frutas e verduras; de raízes e ervas medicinal; de calçados e artigos de couro; de ferragens e artigos de flandres; de fumo; de bolos, gomas e doces; e de confecções populares ou “feira de roupas”. A esses setores de procedência mais antiga juntaram-se as chamadas “feiras” de flores e plantas ornamentais; de artigos de cama, mesa e banho; e, apenas aos sábados, a chamada “feira do Troca-Troca”.

É relevante destacar que, por ocasião da transferência da feira de Caruaru das ruas centrais para o antigo Campo de Monta, introduziram-se duas novidades importantes: o surgimento da feira de artigos importados – também chamada de “feira do Paraguai” – que se instalou numa área do parque próxima ao estacionamento, e a agregação da feira da Sulanca. Ambas funcionam às terças-feiras. A feira da Sulanca reúne pessoas e micro empresas, de perfil caseiro ou familiar, que produzem, de modo

semi-industrial, artigos diversos de vestuário para consumo popular. A atividade começou com costureiras da região aproveitando sobras de tecidos sintéticos de fábricas paulistas, daí o termo *sulanca*, competindo com as mercadorias originadas da região sul. Apresentou crescente desenvolvimento a partir dos anos 1980, gerando um pólo de confecções que envolvem, atualmente, os municípios de Caruaru-PE, Toritama-PE e Santa Cruz do Capibaribe-PE. As produções desse pólo, que fornece material no atacado para São Paulo e outros estados, são vendidas em casas comerciais e shoppings da região e também, de modo informal, nas feiras da *Sulanca* que ocorrem semanalmente nos municípios citados. Apenas em Caruaru, essa feira movimentou, em 2004, R\$ 22 milhões por semana e conta, aproximadamente, com cerca de 22 mil feirantes, entre cadastrados e “invasores”. Hoje, constitui uma das âncoras de sustentação econômica da feira de Caruaru, na medida em que concorre com os estabelecimentos que vendem produtos industrializados do gênero. Nas terças-feiras, o fluxo de pessoas no Parque 18 de Maio aumenta consideravelmente, com comerciantes e revendedores vindos de várias localidades do estado, do Nordeste e de outras regiões do país para comprar na *Sulanca*. O movimento é tal que, nesses dias, a área do parque não é suficiente para abarcar esse comércio. Várias ruas no seu entorno são tomadas por feirantes, fazendo retornar os antigos conflitos com a circulação de automóveis no centro da cidade.

A chamada feira do Paraguai, por sua vez, ocorre nos mesmos dias da *Sulanca*, em local contíguo a esta, aproveitando o seu movimento e a presença de compradores de outras localidades e estados. De modo geral, os produtos, que vão de aparelhos eletrônicos e objetos de decoração a bijuterias e perfumes, vêm do Paraguai e de São Paulo e são revendidos aos feirantes por intermediários. Segundo informações constantes do dossiê de registro da Feira de Caruaru, a maioria dos itens comercializados é falsificada, embora esse traço esteja diminuindo em função da maior fiscalização e até tributação dos produtos, o que fazem com que a feira também seja conhecida como comércio de mercadorias ilegais<sup>xii</sup> e são vendidos para dois tipos de clientes, aqueles que compram a varejo, para consumo próprio, e outros que são comerciantes fixos em cidades de menor porte, ou ambulantes informais. Logo a feira de Importados, ao mesmo tempo em que sugere uma importação de países estrangeiros, exporta suas mercadorias para outras cidades do Brasil.

Contudo percebemos que a diversidade das mercadorias presentes nas feiras investigadas consiste em um atrativo para que os clientes continuem se abastecendo nelas. Muitos feirantes utilizam a estratégia da mudança de ramo, ocasionando a diversidade de produtos referidos. Na coleta de dados dos lugares das feiras nordestinas investigadas notamos que apesar de constatarmos a diversidade dos artigos comercializados, percebemos uma maior tendência aos produtos não alimentares, sobretudo os importados (18%), roupa (16%), bolsa (8%) e calçados (10%). Estes, somados entre si, apresentam 52% do total. Fato que demonstra para além da diversidade das mercadorias inerente as feiras, uma maior tendência as suas trocas, uma vez que as feiras há trinta anos como fora evidenciado pelos entrevistados em seus depoimentos, caracterizavam-se como lugares de abastecimento, sobretudo de gêneros alimentícios.

Já em relação às mudanças nas novas formas de pagamento presentes nas feiras, percebemos que também como adequação as políticas de adequação ao mercado nos comércios tradicionais têm-se visto nas últimas três décadas, para além do tradicional pagamento a vista em numerário<sup>xiii</sup>, os feirantes adotarem não só o sistema de pagamento pós - pago do fiado, como também os cheques pré-datados ou os cartões de crédito, em suas barracas. É bem verdade, o pagamento a fiado tem diminuído<sup>xiv</sup> muito em decorrência da ausência de quitação do débito por parte dos fregueses.

Neste sentido, “novas” e “velhas” maneiras de pagamento convivem neste universo. Nas feiras, embora adotem o dinheiro como principal forma de pagamento, outras maneiras também se fazem presentes. Ao aceitarem estas opções de pagamento que transitam entre o antigo e o moderno, os feirantes se tornam responsáveis pela continuidade das feiras como lugares de consumo na contemporaneidade.

Contudo, as características múltiplas desta e das demais feiras quanto à sua origem e às adaptações que sofreu os elementos de permanência e mudança no que respeita às mercadorias e formas de pagamento — que incluem desde a caderneta do fiado aos cartões de crédito e cheques pré-datados — ilustram nossa tese de que a sobrevivência das feiras na contemporaneidade deve-se a uma relação dialética entre transformação / adaptação e permanência, estratégias de resistência dos sujeitos no contexto da globalização.



---

Notas:

<sup>i</sup> Tese de Doutorado em andamento na área de História, realizada pela Universidade do Minho (ICS) e Universidade Federal da Bahia (PPGH), intitulada: Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007). Orientada pelos professores doutores: Lígia Bellini, Margarida Durães e Jean Rabot. Financiada pela FCT- Fundação da Ciência e Tecnologia.

<sup>ii</sup> Não iremos tratar deste aspecto no presente texto, em decorrência do espaço curto que nos foi concedido. Entretanto na comunicação oral teremos a oportunidade de expor também este aspecto de resistência encontrado na permanência das feiras deste estudo.

<sup>iii</sup> Ver: PAIM, M. R. *Do sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. Dissertação de Mestrado em História Social, Salvador Universidade Federal da Bahia, 2005, p.2.

<sup>iv</sup> Sobre a importância econômica, social e cultural que as feiras tiveram no passado dedicamos à primeira parte desta tese, intitulada: Trajetória histórica e concepções das feiras antes dos impactos da globalização. Ver também a expressão “à feira como espaço que servia a todo mundo” em LOPES, V. L. S. *Meios de Vida, as experiências de sobrevivência e luta dos trabalhadores ambulantes e feirantes em Fortaleza entre o final da década de 1960 e início de 1970*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004, p. 112.

<sup>v</sup> Na atualidade ainda constatamos essa prática, nas feiras dos dois lados do Atlântico, sobretudo para aquisição de produtos perecíveis, esse hábito é mantido. Ver: FERREIRA, J. R. *A Feira Livre de Itabaiana (1987-2002): como lugar de Memória e Metamorfoses identitárias*. Monografia de Graduação em História. Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana- SE, 2002, p. 33.

<sup>vi</sup> Ver GALVÃO, P. F. M. *A feira livre em João Pessoa: Evolução e mudanças sociais (período 60/90)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1994, p. 68.

<sup>vii</sup> Fato que não aconteceu como ruptura, e sim como processo. Além disto, convém lembrar que também não fora um fenômeno universal, ou seja, não queremos dizer com esta afirmação, que todos os fregueses de maior poder aquisitivo substituíram todas as mercadorias que compravam nas feiras, por produtos oriundos dos supermercados. Pois muitos freqüentam supermercados, mas não deixam de comprar mercadorias nas feiras. Entretanto, boa parte deles, em função da existência destes equipamentos comerciais e de terem maiores condições econômicas, passaram a adquirir determinados produtos nas feiras e outros nos supermercados, coisas que antes eram adquiridas nas feiras. Como é o caso, por exemplo, dos cereais.

<sup>viii</sup> LIMA, L. B. As expressões dos dois circuitos da economia em São Joaquim. Em: *Feira de São Joaquim: Territorialidade de uma reinvenção cotidiana*. Monografia de Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002, pp. 40-42.

<sup>ix</sup> “A resiliência pode ser pensada como capacidade de adaptação ou faculdade de recuperação. Uma atitude resiliente significa ter uma conduta positiva apesar das adversidades, ou seja, soma-se à resiliência a capacidade de construção positiva, superação, re-significação dos problemas, flexibilidade cognitiva. A teoria da resiliência foi criada inicialmente pela Física e posteriormente adaptada pela Psicologia, Pedagogia e outras ciências. Sobre a teoria da resiliência ver: VERGARA, S. C. Revisitando a teoria da resiliência. In: *A resiliência de profissionais angolanos*. Rap Revista de Administração Pública –42 (4):701-18, jul/ago, Rio de Janeiro, 2008, pp.706-709.

<sup>x</sup>“(…) havia práticas agrárias costumeiras, formas costumeiras de iniciação às artes de ofício (aprendizagem), expectativas costumeiras quanto a certos papéis (domésticos ou sociais), modos de trabalho costumeiros e expectativas consuetudinárias, bem como ‘desejos’ ou ‘necessidades’.” Ver: THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*, 1977. In: NEGRO, S. e Silva, A. L. (orgs). *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*, Editora Unicamp, Campinas-SP, 2001, p. 230.

<sup>xi</sup> O fato destas feiras terem características que as diferenciam entre si, não as descaracterizam enquanto feira. Muito pelo contrário. Pois entendemos que feira se constitui em um universo plural, dinâmico e flexível. Assim por exemplo, atualmente a feira de Caruaru apresenta em seu conjunto uma maior tendência a ter gêneros não alimentícios em função da demanda do mercado na qual encontra-se inserida. Se outrora se caracterizava em demasia como local abastecimento alimentício, atualmente se constitui em

local de abastecimento de artigos de vestuário, calçados e importados. Entretanto, assim como as demais feiras investigadas tenham elementos de ambas as categorias em seu conjunto (alimentício e não alimentício), com tendência maior a uma ou outra (categoria). A mesma observação vale para a informação quanto à venda a varejo e atacado. Achamos somente pertinente fazer esta observação pelo fato de que iremos tratar das diversidades das mercadorias, logo fazer referência por exemplo ao grande mercado de artigos religiosos, de frutas e verduras na Feira de São Joaquim e dizer que quase não encontramos artigos de vestuário, calçado e importados, faz toda diferença quando já esclarecemos ser esta Feira considerada como local de abastecimento dos gêneros alimentícios diversos.

<sup>xii</sup> De 1986 até 2004 as mercadorias advindas do Paraguai se faziam mais presentes na Feira de importados de Caruaru, pois a fiscalização nas fronteiras Brasil/Paraguai não era tão acirrada. Após 2004 houve uma ampliação da fiscalização nas fronteiras, fato que acabou por gerar maior tributação para os artigos que não apresentavam notas fiscais, ocasionando preços mais elevados nas mercadorias comercializadas nas feiras. Outra observação que convém fazermos é a de que algumas destas mercadorias importadas não chegam diretamente do Paraguai para a Feira de Caruaru, mas vem do estado de São Paulo.

<sup>xiii</sup> 67% dos feirantes entrevistados neste estudo responderam que a única opção de pagamento que oferecem aos seus clientes é o numerário, o que demonstra uma tendência a mudança, uma vez que os 33% restantes já oferecem outras opções de pagamento, sendo 15% cartão de crédito, cheque pré-datado, fiado e 18% cartão débito e cheque para o dia, respectivamente.

<sup>xiv</sup> O que não quer dizer que não exista. Em grande medida os feirantes continuam a adotar este tipo de opção de pagamento se houver alguma relação de confiança com os fregueses. Junto com as opções: cartão de crédito e cheque pré-datado representam 15% neste estudo.

#### BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)*. Tese de Doutorado em História. Universidade do Minho e Universidade Federal da Bahia, mimeo, Braga, 2011. (no prelo)

THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*, 1977. In: Negro, S. e Silva, A. L. (orgs). *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*, Editora Unicamp, Campinas-SP, 2001.

FERREIRA, J. R. *A Feira Livre de Itabaiana (1987-2002): como lugar de Memória e Metamorfoses identitárias*. Monografia de Graduação em História. Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana- SE, 2002.

GALVÃO, P. F. M. *A feira livre em João Pessoa: Evolução e mudanças sociais (período 60/90)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais.: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1994.

LIMA, L. B. *As expressões dos dois circuitos da economia em São Joaquim. Em: Feira de São Joaquim: Territorialidade de uma reinvenção cotidiana*. Monografia de Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LOPES, V. L. S. *Meios de Vida, as experiências de sobrevivência e luta dos trabalhadores ambulantes e feirantes em Fortaleza entre o final da década de 1960 e início de 1970*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

NEGRO, S. e Silva, A. L. (orgs). *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*, Editora Unicamp, Campinas-SP, 2001.

PAIM, M. R. *Do sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. Dissertação de Mestrado em História Social, Salvador Universidade Federal da Bahia, 2005.

---

VERGARA S. C. Revisitando a teoria da resiliência. In: *A resiliência de profissionais angolanos*. Rap  
Revista de Administração Pública –42 (4): 701-18, jul/ago, Rio de Janeiro, 2008.